

BOAS PRÁTICAS

Rigor e transparência na pesquisa biomédica

Em um artigo de opinião publicado na revista *Cell Metabolism*, o canadense Daniel Drucker enumerou cinco sugestões para ajudar a pesquisa biomédica a superar o que ele definiu como a “crise de reprodutibilidade na pesquisa translacional”, entendida como o abismo entre a esperança criada por testes pré-clínicos que sugerem a viabilidade de novas terapias e medicamentos e o posterior fracasso em convertê-los em conquistas concretas. Drucker, professor do Instituto de Pesquisa Lunenfeld-Tanenbaum do Hospital Monte Sinai, em Toronto, Canadá, conhecido por ter ajudado a desenvolver novos tratamentos contra o diabetes e contra uma doença conhecida como síndrome de intestino curto, sugere em primeiro lugar que se utilizem nos testes pré-clínicos as regras adotadas nos testes clínicos. Ele lembra que, nesses últimos, é proibido omitir resultados desfavoráveis e publicar apenas os positivos. Já nos testes pré-clínicos, é comum realizar uma grande quantidade de experimentos de ciência básica em animais e divulgar apenas aqueles que deram certo.

“A maioria dos resultados negativos, contraditórios ou divergentes não é relatada”, escreveu Drucker, que propõe a apresentação desses resultados de testes de forma organizada, no momento em que o artigo é submetido a uma revista. “A transparência pode enquadrar os resultados promissores em um contexto mais amplo e realista.” O pesquisador também sugere que experimentos sejam feitos em diversos modelos animais antes de serem considerados em testes com células e tecidos humanos. Segundo ele, essa estratégia

tornaria a pesquisa mais lenta, mas diminuiria a possibilidade de um achado animador revelar-se uma falsa esperança.

As demais recomendações têm caráter mais genérico. Uma delas é organizar painéis de discussão sobre os problemas relacionados à reprodutibilidade de pesquisas em congressos médicos e científicos, que mostrem as experiências recentes de cientistas, agências de financiamento e editores de revistas. “Os problemas mais comuns poderiam ser destacados e novas soluções, propostas”, afirmou Drucker no artigo.

Outra sugestão é exigir que líderes de pesquisa apresentem, nos pedidos de subvenção submetidos a agências, os trabalhos mais citados que já publicaram e deem exemplos de como seus principais resultados foram validados em outros trabalhos.



Por fim, Drucker sustenta que pesquisadores deveriam fornecer mais detalhes sobre os experimentos no momento de publicá-los, descrevendo os reagentes e informando sua origem, assim como as linhagens de células e os modelos animais utilizados. Isso facilitaria o trabalho de quem buscasse reproduzir os resultados.

Dois plágios e um autoplágio

Hossein Jafarzadeh e Karen Abrinia, pesquisadores da área de engenharia mecânica da Universidade de Teerã, no Irã, tiveram três artigos retratados nos últimos meses. Evidências de plágio foram responsáveis pelas duas primeiras retratações, ambas relacionadas a artigos divulgados em 2014: a dupla copiou dados e imagens de trabalhos publicados por um grupo da China, em 2013, e por colegas do próprio Irã, em 2011. Já no caso da terceira retratação, o *Journal of Mechanical Science and Technology* considerou que os dois pesquisadores cometeram autoplágio em um artigo publicado em 2015. O curioso foi a origem

das informações copiadas – eles reproduziram trechos e figuras justamente dos dois artigos de 2014 retratados por plágio.

“Se você for plagiar seu próprio trabalho científico, evite utilizar *papers* que já plagiaram pesquisas dos outros”, ironizou o site Retraction Watch, ao noticiar o caso. Procurado pelo site, Abrinia justificou o plágio com o argumento de que as imagens e dados repetidos foram fornecidos por uma empresa de fotomicroscopia contratada para produzir material original e que ignorava se tratar de informação de segunda mão. Mas preferiu não dizer nada sobre o caso de autoplágio.